

## Essay

# Universidade das Crianças: linguagens sonoras em programa radiofônico para/com crianças

**Josemir Almeida Barros e Débora d'Ávila Reis**

**RESUMO:** *O presente ensaio tem como objetivo apresentar e refletir sobre os aspectos da produção e recepção das linguagens sonoras veiculadas em um programa radiofônico de divulgação científica, intitulado Universidade das Crianças UFMG. Este programa, direcionado ao público infantil, é veiculado na Rádio Educativa da Universidade Federal de Minas Gerais, localizada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Infância, Linguagem, Culturas, Radiodifusão.*

## Universidade das Crianças UFMG

Acredita-se que atualmente os processos comunicacionais alargaram-se, o que exige um repensar sobre a produção de conhecimentos científicos que são veiculados pelo rádio, especialmente aqueles que têm como foco o público infantil. Não basta trabalhar a linguagem, mas é importante também que o conteúdo traga questões cotidianas que tenham um significado para a criança. Mas sobre o que as crianças querem saber? Como criar um ambiente descontraído, de forma que elas sintam-se seguras para expressar suas dúvidas? Como envolvê-las na elaboração do programa, dos textos, de forma que o produto final reflita a cultura infantil? Com essas preocupações, nasceu em 2006 o projeto de extensão universitária intitulado Universidade das Crianças UFMG, da Universidade Federal de Minas Gerais, localizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Em 2005 havia sido inaugurada a rádio educativa dessa universidade e, nesse cenário, tínhamos por objetivo, a produção de programas de rádio voltados para o público infantil. Buckingham [1] nos diz que as crianças são consideradas consumidoras midiáticas exigentes, sábias e sofisticadas. O Universidade das Crianças UFMG, de fato, tem como alvo um público nada passivo, que explicita seus interesses, em muitos casos resiste e não abre mão de suas culturas e de saberes, como ressalta Barros e Ribes [2].

O trabalho do Universidade das Crianças UFMG inicia-se a partir de uma visita da equipe (professores pesquisadores, estudantes de graduação e de pós-graduação) do projeto à escola, quando acontece uma conversa inicial sobre ciência e cientistas. As crianças participantes têm, na sua maioria, de 9 a 13 anos de idade. Elas depositam os papéis com suas perguntas sobre o tema “corpo humano” em uma urna lacrada, de forma que nem

mesmo o seu (ua) professor(a) pode ter acesso às mesmas. Algumas identificam-se, colocando o nome e a idade, mas outras preferem permanecer no anonimato. De volta à universidade, a equipe discute as perguntas, sendo que na maioria das vezes as dúvidas das crianças demandam maiores investigações e discussões, o que muitas vezes culmina na interação efetiva de estudantes e pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Finalizando esta fase, são redigidos os textos que serão posteriormente apresentados às crianças, como proposições de respostas. Procura-se utilizar uma linguagem acessível e agradável e, com frequência, utilizam-se metáforas e analogias, mas sempre com a preocupação de não promover a banalização ou o esvaziamento do tema abordado.

Em uma segunda etapa do trabalho a equipe volta à escola, levando consigo jogos, livros, massinhas, microscópios, bonecos gigantes enfim, uma variedade de materiais que possam ser úteis na criação de um ambiente descontraído, em que as perguntas apresentadas possam ser discutidas. A proposta de tais atividades, que duram cerca de 5 dias, é potencializar as discussões sobre o tema, sem uma fixidez a ponto de cercear outras questões também importantes que surjam durante as oficinas. No local é montado um pequeno estúdio de rádio, de forma que a qualquer momento é permitido à criança expressar e gravar, com sua própria voz, os seus próprios questionamentos.

Nessas oficinas acontece aquilo que temos chamado de “negociação”, entre todos presentes, adultos e crianças, para a construção dos textos finais que serão veiculados pela Radio Educativa UFMG e no site do projeto ([www.universidadedascriancas.org](http://www.universidadedascriancas.org)). Todos escutam o texto e tem a possibilidade de criticar, sugerir mudanças na linguagem, propor analogias, adicionar ou remover conteúdo. Mesmo aquele texto que não foi lido na oficina carrega expressões, conteúdos, marcas do mundo infantil que são trazidas pela equipe de adultos que participaram do trabalho imersivo nas oficinas. Os textos são finalmente gravados e o discurso verbal no programa radiofônico em questão pode ser entendido como um fenômeno de comunicação cultural onde as produções discursivas das mensagens se entrelaçam com os processos educativos. Os vários discursos veiculados nos programas radiofônicos são abrangentes, abordando não apenas temas acerca do universo infantil, mas também particularidades do universo adulto, como alcoolismo, doenças inflamatórias crônicas e envelhecimento.

Em síntese, o que chamamos de “negociação” pode ser entendido como o processo que instala-se a partir dos diversos diálogos estabelecidos entre adultos e crianças. As crianças marcam seus lugares, definem possíveis formas de resistência que priorizam suas culturas e que estabelecem sentidos. Por outro lado, o tempo de ser criança é preservado ao longo das atividades, não sendo-lhes exigidas possíveis participações e/ou diálogos enquanto seres adultos. Assim produções culturais midiáticas com demandas da infância ganham destaques pelas ondas do ar na Universidade das Crianças UFMG.

### **Infância e linguagens negociadas**

No projeto Universidade das Crianças UFMG as crianças são entendidas como sujeitos pensantes, capazes de construir conceitos e saberes. A infância é considerada como sendo

parte de processos que não perpassam pela fixidez, mas que carregam a fluidez constante das mudanças históricas, sociais e culturais. Sendo assim, reafirmamos a ideia de que a criança tem uma peculiaridade, advinda de seu lugar no mundo [1, 3, 4]; ela é detentora de interações sociais, interpreta e produz discursos por meio de suas ações no mundo. A criança não é uma categoria natural ou universal, determinada simplesmente pela biologia e nem é algo que tenha um sentido fixo, em cujo nome se possa tranquilamente fazer reivindicações, mas está em constante construção, um processo que se distancia da categoria natural [1]. Partindo dessas premissas, procura-se fazer com que, no programa Universidade das Crianças UFMG, o processo de “negociação” entre adultos e crianças seja uma constante, desde a apresentação das perguntas, passando pelas as oficinas e até a produção do programa. As crianças são, portanto, produtoras culturais, agentes participativos e autores de diálogos criativos; não são meros ouvintes que passivamente absorvem os diálogos sem antes interpretá-los e reinterpretá-los.

Como discutido por Braga e Calazanas, o receptor ativo caracteriza-se pela capacidade de aprender através da interação com os produtos midiáticos. Nessa interação de culturas diversas os sentidos são produzidos e socializados tanto no universo infantil quanto entre o universo infantil e o adulto [5]. No trabalho que se desenrola no projeto Universidade das Crianças UFMG, percebe-se a interação cultural dos diversos agentes durante todo o processo de elaboração e produção do programa. Por outro lado temos aquelas crianças que apenas escutam os sons e/ou falas de outras crianças pelo rádio, mas que, possivelmente devem, em alguns momentos, identificar-se e interagir mentalmente com os processos comunicativos em questão, uma vez que a metodologia utilizada na produção dos programas garante que os mesmos sejam carregados de elementos significativos da cultura infantil. É possível que as crianças estabeleçam códigos próprios que permitem a apropriação de significados advindos dos diversos signos sonoros veiculados nos programas radiofônicos, ou seja, é possível que elas sejam leitores imersos em possíveis novas leituras dos produtos culturais. Segundo Bourdieu [6], toda mensagem é objeto de uma recepção diferencial, de acordo com as características sociais e culturais do receptor. Sendo assim, os processos de recepção de mensagens faladas estão carregados de subjetividades.

Adultos e crianças, cada grupo dá sentido às palavras de acordo com suas experiências de vida, a partir dos cotidianos que estão imersos, de contextos sociais e políticos diversos. No projeto Universidade das Crianças UFMG, pretende-se evitar a submissão da cultura infantil à cultura dos adultos, mas ao contrário, tenta-se preservar as peculiaridades de cada cultura. A preocupação primordial não é a distinção entre cultura infantil e adulta, mas o entrelaçamento de tais culturas, sem deixar de lado aquilo que é mais relevante para o público infantil diante de suas análises. São mundos diferentes, mas com cruzamentos de produtos simbólicos que apresentam sentidos às singularidades. Com fim ilustrativo, apresentamos a seguir uma situação que ocorreu durante uma oficina com as crianças. Discutia-se a pergunta “o que é hérnia de disco”, apresentada por uma das crianças presentes, mas que provavelmente referia-se a uma situação vivida por um adulto. O texto redigido pelos integrantes da equipe dizia que “a coluna vertebral é uma pilha de ossinhos”. Ao ouvir tal frase, muitas crianças demonstraram espanto e uma delas pergun-

tou “pilha? o nosso corpo funciona à pilha?”. Ouvindo isso, percebemos que a palavra pilha no imaginário infantil remetia mais à noção de “máquina, brinquedo” do que de “organização”. A palavra “pilha” no texto foi trocada pela palavra “monte”.

Barros e Ribes [2] ressaltam as preocupações de Brecht [7] e Benjamin [8] sobre a dimensão social e política que a comunicação adquiriu na contemporaneidade e, nesse contexto, vale ressaltar um outro exemplo do projeto Universidade das Crianças UFMG. No processo de criação e produção do programa “o que é o coma?”. O texto da resposta proposta pela equipe do projeto trazia um fragmento que dizia “nesta situação, não há o que fazer a não ser desligar os aparelhos, caso a família concorde”. Ouvindo isso, uma das crianças logo exclamou “a família e ninguém tem o direito de resolver sobre a vida dessa pessoa!”. Iniciou-se então uma discussão sobre questões éticas e sociais sobre eutanásia, que trouxeram elementos que contribuíram para modificar substancialmente o texto final do programa a ser veiculado na rádio.

### **Vai ao ar o programa Universidade das Crianças UFMG**

Uma vinheta de abertura com a fala do coordenador da Rádio chama a atenção dos ouvintes para o início do programa. Após a vinheta vem a pergunta, sempre na voz da criança e em seguida a resposta que, na maioria das vezes é gravada por um adulto. O programa termina com uma vinheta e a fala do coordenador da Rádio.

Apresentamos a seguir o texto de um dos programas radiofônicos, no qual perguntas e respostas vêm na fala das crianças:

Criança 1:

*Eu sou Leonardo, tenho 10 anos e gostaria de saber: por que roncamos?*

Criança 2:

*Quando a gente dorme, todos os nossos músculos relaxam, inclusive aqueles das vias por onde passa o ar da respiração. Dessa forma, como ficam destensionados, os músculos acabam reduzindo o espaço por onde passa o ar. E quando o ar passa por esse espaço apertadinho, acaba produzindo um ruído, que é o ronco.*

Criança 1:

*E por que os avós roncam tanto?*

Criança 2:

*Por que quando a gente vai envelhecendo, os músculos ficam mais relaxados, inclusive os músculos da garganta.*

Criança 1:

*E a mesma coisa acontece quando os adultos bebem cerveja? Eles roncam tanto. . .*

Criança 2:

*É que o álcool também faz esses músculos relaxarem. Mas outras coisas que também fazem a gente roncar: um nariz entupido, uma adenoide aumentada, uma amigdalite.*

Criança 1:

*E porque as pessoas gordas roncam tanto?*

Criança 2:

*Por que o acúmulo de gordura no local faz com que o espaço para a passagem do ar diminua ainda mais.*

*Quem nos ajudou a responder essa pergunta foi a Professora Débora Reis, do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG*

*Se quiser falar com a gente, o nosso endereço é [universidadedascriancas@ufmg.br](mailto:universidadedascriancas@ufmg.br)*

Diálogos e mais diálogos aconteceram entre adultos e crianças para a produção do texto acima. As crianças utilizam signos nos processos de suas produções discursivas e, dessa forma, revelam-nos as suas identidades culturais. Trata-se de uma proposta dialógica que por vez permite-nos dizer que não se limita a produzir um programa de divulgação científica, mas a produzir bens culturais que contam com a participação das crianças enquanto sujeitos pensantes, falantes, cujas vozes ganham notoriedades nas ondas do ar. O processo de produção dos programas que culmina nas várias falas veiculadas nas ondas do ar permite-nos melhor compreender a ideia de que o dialogismo é sempre entre discursos [9]. Assim, no programa Universidade das Crianças, que vai ao ar na Rádio UFMG Educativa, os enunciados revelam posições diversas, diálogos e mais diálogos.

### **Considerações finais**

A produção do programa *Universidade das Crianças* de alguma forma rompe com um tipo de ordenação estabelecida, onde a supremacia do discurso dos adultos muitas vezes impede as crianças de falarem o que pensam e sentem sobre determinadas temáticas. Os programas revelam-se enquanto interativos, uma vez que durante o seu processo de produção e gravação, agregam-se as falas das crianças, valorizam-se os dizeres e pensamentos do universo infantil, de linguagens sonoras para crianças, mas primordialmente com crianças. Assim o projeto *Universidade das Crianças UFMG* estabelece de forma diferente a interceptação de um “circuito” que muitos entendem como comunicação linear. Nas oficinas, o repensar e a ressignificação dos códigos linguísticos cortam ao meio o circuito linear e a mensagem passada pelos programas radiofônicos traz consigo uma rede bastante complexa de significados.

Em tempos onde se amplia o consumo de bens culturais, os meios de comunicação de massa, aqui ressaltando o rádio, possibilitam novas formas de sociabilidade e discursividade [10]. As reflexões aqui levantadas, tendo como foco o programa *Universidade das Crianças UFMG*, nos remete à certeza de que a simples disponibilidade de recursos técnicos, como aqueles encontrados no rádio, não tem por si só um poder de mobilização e nem garante o dialogismo entre as falas. É necessário haver o cuidado dos interlocutores/produtores com as diversas culturas existentes, em específico no que diz respeito à infância.

**Agradecimentos.** Aos estudantes do curso de graduação e pós-graduação e aos professores da UFMG, que participaram das oficinas e que contribuíram para a elaboração dos textos.

À equipe do Centro de Comunicação da UFMG (CEDECOM) e, em especial, ao Elias Santos, coordenador da Rádio UFMG Educativa.

Finalmente agradecemos às crianças que participaram deste projeto e que continuam colaborando e nos incentivando, mesmo sem saber, nos estimulam.

**Apoio financeiro.** Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais (PROEX).

## Referências

- [1] D. Buckingham (2007), *Crescer na era das mídias eletrônicas*, Loyola, São Paulo, Brazil.
- [2] J.A. Barros e R.M.P. Ribes (2009), “Programas radiofônicos para crianças: a Rádio Maluca e a Universidade das Crianças”, in G. Gouvêa e M.F. Rezende Nunes org., *Crianças, mídias e diálogos*, Rovellet, Rio de Janeiro, Brazil, pp. 73–91.
- [3] M.C.S. de Gouvea (2008), “A escrita da história da infância: periodização e fontes”, in M. Sarmento e M.C.S. de Gouveia org., *Estudos da infância: educação e práticas sociais*, Vozes, Petrópolis, Brazil.
- [4] M.C. de Freitas (2008), *História social da infância no Brasil*, Cortez, São Paulo, Brazil.
- [5] J.L. Braga e R. Calazanas (2001), *Comunicação & educação*, Hacker, São Paulo, Brazil.
- [6] P. Bourdieu (1998), “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”, in M.N. Alice e A. Catani org., *Escritos de educação*, 2 ed., Vozes, Petrópolis, Brazil.
- [7] B. Brecht (2005), “Teoria do rádio (1927–1932)”, in E. Meditsch org., *Teorias do Rádio: textos e contextos*, Insular, Florianópolis, Brazil, pp. 35–45.
- [8] W. Benjamim (1987), *El Berlim demónico — relatos radiofônicos*, Içaria, Barcelona, Spain.
- [9] M. Bakhtin (2003), *Estética da criação verbal*, 4 ed., Martins Fontes, São Paulo, Brazil.
- [10] M. Certeau (2002), *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, 7 ed., Vozes, Petrópolis, Brazil.

## Autores

Josemir Almeida Barros é professor e pesquisador da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Minas Gerais, Brasil. E-mail: [josemirbh@yahoo.com.br](mailto:josemirbh@yahoo.com.br).

Débora d'Ávila Reis é professora e pesquisadora da Universidade Federal de Minas (UFMG), idealizadora e coordenadora do projeto de extensão Universidade das Crianças e coordenadora de ações educativas do museu de ciências intitulado Espaço do Conhecimento UFMG. E-mail: [debsdavila@gmail.com](mailto:debsdavila@gmail.com).

HOW TO CITE: J. Almeida Barros e D. d'Ávila Reis, “Universidade das Crianças: linguagens sonoras em programa radiofônico para/com crianças”, *JCOM* 13(04)(2014)Y01\_PT.